

Eu que nem sou uma Simone de Beauvoir
Também vou reclamar.
Ligo o rádio, a TV
E ouço um discurso machista
Que me grita nos ouvidos.
Pare o mundo que eu quero descer!

Mas agora eu também resolvi
Dar uma queixadinha
Porque eu sou uma feminista
Latina-americana
Que também sabe se lamentar.

Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego
E que ganho menos que o dito
Cidadão homem branco burguês?

Eu devia agradecer ao Senhor
Por colocar rosários em meus ovários
E me impedir de escolher pela minha vida?

Eu devia estar feliz por acharem que amor pode se comprar?
Por serem tão antiquados como um Corcel 73.
Eu devia estar alegre e satisfeita
Por me ditarem uma receita
De boa moça para casar mais do que suspeita?
E atrelada, conformada com esse conservadorismo de direita?

Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarada
Cheia de dentes
Esperando a morte chegar.

Não vão me mercantilizar
Não ei de ser selada, carimbada,

⁴¹ Educadora e escritora, atualmente leciona na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Realizou graduação em Educação Física (UFPEL – RS) e em História (Uninter – PR), doutorado em História (UnB – DF) e pós-doutorado em Letras (UFF – RJ). Escreveu, entre outros, o livro *Amor e libertação em Maria Lacerda de Moura* (2020), publicado pela Entremares. <https://orcid.org/0000-0002-8942-1308>
patricialessa13@gmail.com

Rotulada, registrada.
Não preciso de carimbo
Dizendo sim, sim, sim
De permissão para poder pensar

Agora vejam só,
Da vítima não é para ter dó.
Dó é menosprezo a um ser menor.
Eu não sou a mosca que pousarei na sua merda,
Eu não serei inseto, nem deixarei me abusar.

Pois quando um cara genial sobe no muro do quintal
E vê duas aranhas a brincar e acha que isso não é normal
Eu não posso concordar.
Seu homofóbico, vá se ferrar!
A sua cobra, cobra criada,
Que seja reeducada a respeitar.
Além disso, quem gosta de maçã
Não irá gostar de todas
Porque nem todas são iguais...

O trecho do poema *Não ei de ser rotulada*, que inicia esta reflexão, foi escrito por Carolyn Trajano, uma das integrantes do Coletivo Maria Lacerda, sobre o qual abordaremos adiante. Trata-se de um ativismo feminista, tendo em vista que foi lido pela poeta durante a primeira Marcha das Vadias de Maringá, em 2012. Carolyn é formada em Direito pela Universidade Estadual de Maringá e atua na área de Agroecologia e Economia Solidária. A sua poética é uma resposta ao machismo vomitado em muitas das letras de Raul Seixas. Mas, o poema é muito mais que uma resposta ao artista que já morreu. O poema é a expressão dos muitos feminismos, pois chama as pessoas a ouvirem a voz das companheiras negras, indígenas, lesbianas, latinas, trans, libertárias e outras tantas vozes que são expressão das muitas formas de ser mulher neste mundo. Somos mulheres, pois, a mulher, no singular, não existe, tendo em vista as tantas formas de tornar-se, como já dizia Simone de Beauvoir, uma das autoras que abre as portas da narrativa feminista, que foi uma desbravadora da pluralidade dos feminismos, a que escreveu que não nascemos mulher, nos tornamos, que não podemos ser reduzidas ao biológico e que são as experiências no mundo que constituem as diferentes formas de construir-se.

Arte e ativismo estão conectados e replicados nas experiências corporais e visuais afirmativas e são saberes e práticas passíveis de serem percebidas como feministas. São experiências estéticas e pedagógicas que criam poéticas visuais, corporais ou textuais via múltiplas manifestações nos espaços públicos, nas redes sociais e nas mídias, no ativismo social, nas performances ou nos espaços educacionais. Artes que tomam forma de pedagogias do corpo e agregam as poéticas feministas contemporâneas como modos de olhar e agir sobre um social plural são o foco na seleção de algumas experiências artivistas que abordarei neste espaço. Manifestações artísticas, culturais, educacionais

e políticas são percebidas, na perspectiva adotada, como conectadas às formas de resistência feminista, as quais são construídas a partir de um olhar questionador.

O estudo das poéticas transgressoras justifica-se pela necessidade de aglutinar produções de artistas latina-americanas pensadas a partir das teorias feministas decoloniais e/ou libertárias que privilegiam as discussões do corpo e da arte, caracterizando-se como feminismos com fronteiras não fixas que, em seu potencial de mudança e de rupturas, estão em constante movimento e são, caracteristicamente, ações propositivas. Os objetivos com esta reflexão são, portanto, promover discussões sobre ativismo⁴² inspiradas nas teorias feministas; articular conceitos sobre arte e produção que tenham como foco corpo, feminismos e processos de subjetivação; promover a interseccionalidade entre feminismos, ativismo, etnicidades; registrar experimentações corporais e ocupações de espaços públicos que problematizam o lugar da arte como espaço de reflexão e mobilização social.

O método se aplica ao estudo da cartografia nas artes e na educação, em que sua função é demarcar um lugar, um território, para facilitar nossa orientação espacial e assim ampliar conhecimentos sobre determinado tema. Os mapas podem, também, ser percebidos como objetos estéticos abertos passíveis de múltiplas interpretações, já que incorporam valores culturais e políticos que figuram e reconfiguram posições. Sendo assim, a cartografia como método não possui uma regra fixa, mas sim um constante movimento conectado às experiências, funcionando como localizador de pistas e caminhos. Os registros de nossos olhares sobre as experimentações artivistas formam uma cartografia de experiências de ensino, pesquisa, extensão e eventos que articula as artes com a educação libertária, com as performances de gênero e as poéticas corporais e visuais, além de mostrar os cruzamentos e as redes entre pertencimento cultural, etnias, gêneros, sexualidades, linguagens em contextos localizados.

Os feminismos são importantes em nossas pesquisas, na medida em que trazem um aporte teórico indispensável à análise e à construção dos objetos. Além disso, eles fundam igualmente o campo de pesquisa, pois, na afirmação da arte contestatória, encontram-se espaços de resistência e de atuação política. Muitas são as perspectivas e as correntes de pensamento feministas que servem de bússola para refletir as relações sociais para além dos conceitos patriarcais e misóginos e ver na produção artística uma forma de recriar os corpos, a produção de subjetividades e a realidade social.

A arte alimenta e é alimentada pelo movimento de transformação social, ao passo que cria novos códigos, via sensibilidade, e um olhar para o seu tempo, questiona corpos, lugares, gêneros e saberes. Enfim, o texto, que hora apresento, é uma escrita de si, mescla processos de subjetivação – eu e múltiplo – e propõe a pensar a positividade das experiências agenciadas pelos feminismos plurais ligados à positividade dos saberes, diferente da crítica do negativo, classificatória e dona da verdade.

Pensando a arte como forma de resistência e de criação de novos lugares de luta, podemos utilizar o termo ativismo para pensar a produção de algumas das artistas que

42 Artivismo é uma expressão que aglutina arte e ativismo. Na América Latina, muitas artistas adotam o termo para caracterizar sua criação como forma de transgressão e resistência (STUBS, TEIXEIRA JR, LESSA, 2018; PESSAH, 2009).

saem do campo do espaço físico e navegam por fronteiras virtuais que, também, são corporais e geográficas, transitando pelo ciberespaço e protagonizando contestações feministas. Suas criações circulam no mundo por meio das redes sociais, uma nova forma de apostar nas lutas feministas, decolonialistas e libertárias. Vale pontuar que, atualmente, as redes sociais têm sido um importante campo de militância para as mulheres e para os grupos feministas. Uma bela alusão pode ser demonstrada em uma postagem de Patrícia Karina Vergara Sánchez realizada no dia 30 de julho de 2020, em sua página no *Facebook*, onde se leu: “A cor da minha pele não é um acidente genético, é uma história política”. A cor da pele, para uma mulher indígena latina-americana, torna-se sua bandeira de luta, onde está impressa em carne viva a história política de resistência e de força contestatória diante das novas investidas colonizadoras. É uma política pela palavra poética. Replicada em uma rede social, torna-se ativismo, torna-se resistência feminista decolonialista.

Politizar a palavra e o pensamento é uma criação contínua, no sentido de abertura de novos espaços e saídas, de novas possibilidades interpretativas, de invenção da vida. Dos espaços públicos para o universo virtual, a produção poética das artvistas mostram uma enorme capacidade criadora e criativa na produção de novas subjetividades transgressoras. As criações de uma malha de organismos autogestionários constituem as redes virtuais feministas atuais, é assim que os *flashes mobiles*, as ocupações artísticas, as Marchas das Vadias, as mobilizações feministas e as redes sociais são usadas para fazer circular resistências aos modelos de corpo, de sexo e de gêneros. São redes de onde emergem uma pluralidade de temas, de percepções, de teorizações e de experimentações. As artvistas assim questionam o corpo, o sexo e o modelo dessexualizado do contrato de casamento, propondo novas formas mais criativas de estar no mundo e de sentir a multiplicidade e o valor da liberdade.

Para Margareth Rago (2013a), a linguagem está na raiz da construção de liberdade necessária para movimentar os feminismos. A linguagem é um dos instrumentos através do qual podemos romper com as formas disciplinares de controle e normatização dos corpos. Artvistas feministas podem criar uma arte conectada aos espaços virtuais, potencializando deslocamentos nos corpos e abrindo pontes para a desobediência sexual. Foi apostando na força e na potência da linguagem feminista que, em 2012, formou-se o Coletivo Feminista de Maringá para a realização da primeira Marcha das Vadias na cidade. As experiências da marcha foram replicadas pelos vídeos disponibilizados na internet. Nos relatos, os feminismos em ação apresentam múltiplas vozes: feminismo negro, decolonial, interseccional, vegano, animalista, anarquista, radical, lesbiano, marxista etc. Sugiro assistir ao filme *Marcha das Vadias – Maringá-PR – 2012* para ter uma ideia da organização do grupo⁴³.

O filme destaca e inicia com a performance de Tamires Schmitt, *A mulher-mercadoria*, com a participação da cineasta Fernanda Paz no papel da mulher que empacota e etiqueta a mulher-carne colocada à venda. O ativismo feminista e animalista da performance

43 Filme intitulado *Marcha das Vadias – Maringá-PR – 2012* e disponibilizado no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=WUVLQHu-Py0>.

dialoga com as ideias desenvolvidas por Carol Adams (2012) sobre os corpos das mulheres e das outras espécies serem comercializados e tratados como mercadoria. Ao terminar a ação artista, ouve-se as palavras de ordem: “a nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria”. Além da participação de Tamires e de Fernanda, ambas integrantes do Coletivo Feminista de Maringá e organizadoras das duas marchas realizadas na cidade, vemos a participação, no mínimo, interessante e reveladora de Pussy, um cão vira-lata muito conhecido pelo grupo e que interage todo o tempo como se estivesse cuidando da artista transformada, embalada e rotulada em carne para ser posta à venda.

Uma das mais importantes autoras que estuda a relação do sexismo e do especismo é a feminista vegana Carol J. Adams. Ela cunhou o termo *antropornografia* (ADAMS, 2012), que significa coisificar os animais, como se eles pedissem para serem transformados em comida. Assim fazendo, a autora associa a violência sexista e a violência especista⁴⁴ como se as mulheres e os animais pedissem para serem dominadas/os. Na obra *A política sexual da carne*, ela nomeou este processo conceitual, no qual o animal desaparece, de referencial ausente. Animais em nome e corpo são feitos ausentes como animais para que a carne exista. Se animais estão vivos, eles não podem ser transformados em carne. O cadáver substitui o animal vivo e as outras espécies se tornam referenciais ausentes. Os animais são feitos ausentes através da linguagem, que renomeia cadáveres antes que consumidores e consumidoras participem do ato de comê-los.

Fernanda Paz, que atuou na performance, é formada em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá, é fotografa, roteirista e diretora de cinema. Ainda em Maringá, ela dirigiu e produziu o documentário *TransVerso* (2015), disponibilizado no site CurtaDoc⁴⁵. Após a apresentação da performance, as imagens revelam a participação de batuqueiras do Baque Mulher, integrantes dos grupos de Maringá e de Londrina⁴⁶, que, naquela ocasião, estava em processo de ampliação nacional e internacional. O Baque Mulher caracteriza-se por ser um grupo feminista de Maracatu criado pela Mestra Joana D’Arc em Pernambuco. A criação do Baque Mulher leva para as ruas a presença da ancestralidade e religiosidade da cultura afro-brasileira e busca a descolonização da cultura popular brasileira e o protagonismo das mulheres negras no Maracatu (FIALHO, 2017). As Marchas

44 *Especismo* é o preconceito por espécie, é a falsa crença humana sobre a sua superioridade, é uma criação humana, uma ideia amplamente difundida nas ciências e noutras práticas sociais de que a humanidade é superior a todas as demais espécies. Essa ideia é fruto de uma sociedade capitalista que, assim fazendo, oculta o fato de que os outros seres sencientes sentem dor, medo, empatia etc., para justificar todas as formas de crueldade, tais como venda de animais, caça de animais silvestres, testes em animais pela indústria e pela ciência, produção de carne em larga escala, às custas de queimadas criminosas e desmatamentos de grandes áreas de preservação ambiental, dentre outras questões postas a serviço do consumismo.

45 Para conhecer o trabalho da cineasta feminista Fernanda Paz, sugerimos assistir ao filme *TransVerso* que aborda as nuances e os desafios das transgêneros, travestis e transexuais. O documentário está disponível no site: <https://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/transverso/>.

46 Para entender a construção, ampliação e ativismo da Mestra Joana D’Arc e do Baque Mulher, indicamos a leitura do artigo de Laís Azevedo Fialho (2017), disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/3-2.pdf>.

das Vadias, com isso posto, agregaram várias demandas feministas e colocaram o bloco na rua para reivindicar respeito e lutar por direitos sociais, políticos e culturais. A performance e o Maracatu são ativismos feministas na medida em que articulam arte e ativismo.

A poética visual de Elisa Riemer soma-se aos trabalhos realizados com o Coletivo Maria Lacerda no qual a artista foi integrante. Grupo que conheci durante a realização da segunda Marcha das Vadias em Maringá, ocasião na qual as jovens me convidaram para fazer a palestra de abertura e, na sequência, promoveram uma série de produções, tais como: oficinas de artes pré-Marcha, participação no grupo de Maracatu nomeado, naquele momento, *Flores do Ingá* e hoje, mundialmente, conhecido como Baque Mulher, além da participação do Coletivo em algumas das atividades do Fazendo Gênero 10, realizado entre 16 a 20 de setembro de 2013, dentre outras ações feministas. Tais produções proporcionaram uma articulação entre educação libertária e ativismo.

A chegada das Marchas das Vadias no Brasil levou para as ruas novas experiências feministas de juventude com fortes traços de criatividade e ironia. Elisa Riemer trabalhou na linha de frente para a construção da 1ª e 2ª Marcha das Vadias de Maringá e criou muitos cartazes para outras cidades onde o evento aconteceu. Em algumas das produções visuais de Elisa Riemer ela utilizou a imagem da catedral, que é um símbolo religioso de Maringá, popularmente conhecida como símbolo fálico. A catedral foi bastante utilizada pela artista que, em 2012 e 2013, criou uma série de cartazes para as Marchas das Vadias e as Parada LGBT realizadas em Maringá – nesses cartazes, o pano de fundo foi a catedral –, bem como a imagem a seguir, criada como logo para o Coletivo Feminista de Maringá, que posteriormente foi transformado no Coletivo Maria Lacerda, e a logo, conseqüentemente, foi modificada para a imagem ao lado, representada pelo rosto de Maria Lacerda de Moura (1887-1945), educadora libertária.

Virar a catedral de ponta-cabeça e usá-la como genitália feminina significa reposicionar as mulheres na cidade, usando os símbolos fálicos ao modo da ironia e do deboche, pois a interferência religiosa na vida sexual e reprodutiva das mulheres vem sendo operada através dos poderes do Estado e da religião e, assim, legitimando um controle baseado na moral cristã e na administração dos corpos pelo Estado. A crítica a essa forma de controle e vigilância sobre os corpos das mulheres é parte das agendas feministas. Foi pensando nesta esfera de luta que a artista Elisa Riemer propôs a imagem da logo a seguir.



Fonte: Elisa Riemer (Arquivo do Coletivo Maria Lacerda).

Margareth Rago (2013a), em sua obra *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*, escreve sobre a Marcha das Vadias e diz que ela conduz algumas novidades no modo de expressão da rebeldia e da contestação e se caracteriza pela irreverência, pelo deboche e pela ironia. Para a autora, as jovens feministas inovaram ao mostrarem outras cores, outros sons e outros artefatos, teatralizando e carnavalizando o mundo público, escreve “autodenominando-se ‘vadias’, ironizam a cultura dominante” (RAGO, 2013a, p.314).

A produção do conhecimento, na perspectiva dos feminismos, pode ser um modo de construção da autonomia das mulheres sobre seus corpos, seus sexos e seus desejos. Rago (2013a) concebe os feminismos como linguagens que não se restringem aos movimentos feministas, mas aparecem também nas práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas que trabalham pela libertação das mulheres em relação à cultura misógina e à imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina, da sexualidade privativa escondida no quarto do casal, do casamento dessexualizado e organizado pelo Estado. Como feminista e foucaultiana, a autora nomeia de “artes feministas da existência” as produções artísticas, culturais e os saberes em marcha pela libertação e autonomia das mulheres (RAGO, 2013a).

A conexão entre arte e feminismo fez as mulheres reverem seu papel e tomarem consciência de gênero, levando-as a intervir, na prática, contra a dominação e as injustiças. Stubs, Teixeira Jr e Lessa (2018, p.6) escrevem que,

Tratam-se, portanto, de estéticas feministas da existência como formas de marcar um lugar no mundo, imprimindo um modo de criar, escrever e reinscrever-se no cotidiano (RAGO, 2013). Desse modo, arte e vida se irmanam compondo experiências estéticas muito peculiares e localizadas. Assim como outros grupos denominados “minorias”, as feministas buscavam criar uma linguagem própria, capaz de orientar seus rumos na construção da identidade das mulheres como novos atores políticos (RAGO, 1998). Nesse sentido, uma estética feminista tem como característica um elo indissociável entre arte e vida, entre arte e experiência, entre arte e produção de subjetividade. Rago (2007) acrescenta que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, uma experiência marginal, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem. Assim fazendo, inovam libertariamente a multiplicidade de sujeitos/as sociais.

Reckitt e Phelan (2011), em *Art et feminism*, exploram um rico universo nas artes, escrevem e reproduzem a obra *Some Living American Women Artists* (1972), de Mary Beth Edelson, que questionava o local das mulheres nas artes e perguntava se existe uma arte feminista ou se é necessário o instrumental dos feminismos para pensar as artes. As autoras mostram a crescente preocupação dos feminismos desde os anos 1980 com o lugar das mulheres na arte, questão importante, muito embora, em muitos casos, a própria noção de arte, de suporte e de espaço não tenha sido questionada. Elas citam a Exposição *Elles*, realizada no Centro Georges Pompidou em 2009, que contou com mais de 500 obras de 200 mulheres artistas. A exposição mostrava uma produção artística invisibilizada pela “história oficial da arte”, que é branca e masculina. Citam o

conhecido barulho que fizeram as *Guerrilla Girls* nos anos 1980: “As mulheres precisam estar nuas para entrar no *Metropolitan Museum*? Menos de 5% dos artistas nas seções de arte moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos” (RECKITT; PHELAN, 2011, p. 153). Com estas questões, elas propõem uma inversão de valores: os nus serem de todos os outros corpos e as artes de todos os outros gêneros. Uma abertura às múltiplas experiências de vida ajuda a quebrar a misoginia e os preconceitos nas artes.

Os ativismos e os feminismos ajudam a pensar os múltiplos lugares do olhar artístico e ativista em luta contra os mecanismos de assujeitamento às normas sociais que, em suas práticas e teorias, dissolvem as fronteiras dos paradigmas dominantes por intermédio da força contestatória em sua expressão de criatividade performática. Diferentes propostas atravessam o texto para pensar em estratégias de transformação dos espaços públicos e ver o ativismo como instrumento de visibilidade, de deslocamentos e de ruptura. Assim algumas das propostas feministas somam, atravessam ou transitam em seus fluxos de multiplicidade os sujeitos envolvidos. O feminismo negro, decolonialista, latino-americano, vegano, animalista, lésbico, libertário ou comunitário, dentre outras propostas, colaboram para a criação de uma colcha de retalhos.

A colcha de retalhos é uma importante imagem para pensar a relação entre as artes e os feminismos na América Latina. Violeta Parra (1917-1967) foi a primeira artista latina-americana a conquistar um espaço para suas obras no Museu do Louvre em Paris. Ela, assim como muitas artistas, utilizou os bordados, as rendas, as muitas cores dos tecidos em diferentes texturas e suportes para questionar o estatuto de objeto da arte e a ideia que separa arte e artesanato, este último geralmente relegado ao universo do que se entende e impõe como próprio para as mulheres. Ela ajudou a quebrar paradigmas, tendo em vista a contestação do estatuto de arte ao que era considerado artesanato.

As práticas feministas libertárias e artistas contemporâneas permitem maiores deslocamentos para além do espaço dos museus, geralmente destinados a um público restrito a uma determinada classe social, e propõem decolonizar a arte e libertá-la do lugar comum destinado às artes burguesas que tiveram grande visibilidade em meados do século XIX. Outros lugares, formatos e expressões do corpo são linguagens mais híbridas e fluidas que envolvem ação localizada e questionadora das normas, diz Pessah (2009, p. 80-81): “a ação envolve muitos desafios como pensar, criar, inventar novas lógicas não opressoras, nem dominadoras”, e continua, “quero que os tambores da rebeldia despertem danças pagãs e que juntas dancemos ao som de nossos conhecimentos e vivências”. São as cores, as danças e os cantos latinos que coloriram o mundo das artes com suas peculiaridades.

Foi assim que Julieta Paredes, do coletivo feminista comunitário da Bolívia *Mujeres Creando Comunidad*, pensou os grafites como formas de pintar nas paredes das cidades uma expressão ativista que imprime no social a força contestatória de uma cultura própria, de outras formas de percepção, de organização e de elaboração prática, estética e corporal transgressoras. Julieta Paredes é poeta, artista, feminista libertária e *performer*. Seus livros são potentes expressões do ativismo no processo de consolidação de uma poética feminista na Bolívia. Dentre eles, destacamos: *Poesía Mujeres* (1990), *De amor y*

lucha (1993) e *Grafiteadas* (1990). Este último é um importante registro da presença de uma forte resistência feminista libertária na Bolívia que imprime em suas ruas e paredes as marcas da luta das mulheres latina-americanas, indígenas e lesbianas e seu grito contra a colonização de seus corpos e suas subjetividades. Um dos grafites é apresentado em uma foto onde se vê uma mulher indígena vestindo um manto rosa e uma saia amarela, representativa da força performática do colorido latino-americano, mulher que caminhou e passou ao lado de um muro onde se lê: “Ni la tierra ni las mujeres somos territorio de conquista”⁴⁷. Nos muros de La Paz se inscreve um modo peculiar de registrar as lutas das mulheres, é assim que vejo na noção de experiência uma forma de pensar o ativismo de Julieta. As mulheres carregam uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, uma experiência que várias historiadoras feministas já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, construindo novas formas de pensar e de viver. A mulher indígena que caminha nas ruas ocupa espaços públicos e assim reivindica o local de pertencimento.

Ocupando as ruas para visibilizar a positividade dos discursos feministas, étnicos, anticolonialistas e antipatriarcais, os feminismos comunitário e libertário são a voz de seu ativismo na ocupação dos espaços públicos. Margareth Rago, ao escrever sobre a perspectiva feminista de Julieta, ressalta a incorporação da dimensão estética da arte na política que usa o corpo como lugar de contestação nos espaços públicos de forma lúdica e debochada e, ainda, lembra que, nesta perspectiva, a arte é colaboradora para os discursos contra o patricapitalismo e a misoginia. Sobre o encontro com a artista, ela diz:

Julieta apresenta-se, em primeiro lugar, colocando em cena o próprio corpo, cantando, como Violeta Parra, e tocando um tambor, performatizando sua poesia ou dramatizando corporalmente suas posições políticas [...]. O corpo, nessas práticas, emerge como um lugar de resistência (RAGO, 2013b, p. 91).

A proposta da autora me remete as minhas memórias com relação à performance de Maria Galindo que assisti na Ciudad del México em 2005. Na performance poética de Galindo, as artes feministas são escritas com sangue para ressignificar o modo de existir das mulheres no espaço público. Assim como os panos, os fios e as cores são elementos importantes das artes feministas, para as artistas do *Coletivo Mujeres Creando*, o sangue representa a menstruação e as singularidades das artes e dos ativismos das mulheres.

No hay identidad que me haya ofrecido refugio ni acogida, porque no hay identidad que me hay considerado en ultima instancia pura y digna de pertenencia. Por eso asumo dichosamente la perspectiva desde fuera.

*Huyo fuera,
al afuera,
a la intemperie,
a la calle,
a la vulnerabilidad completa.*

47 Para conhecer alguns dos grafites e os trabalhos do Coletivo e de Julieta Paredes ver: <http://mujerescreandocomunidad.blogspot.com.br/>; ou o livro: PAREDES, Julieta, “Grafiteadas”, La Paz, Ediciones Mujeres Creando, 1999.

*Me ubico por fuera de los mandatos y los códigos de convivencia y de obediencia.
Y opto por incomodar en todos los espacios.
Trascender la afirmación de la identidad y reconocirme, impura, imperfecta, desarraigada,
desvinculada, contradictoria y compleja. Puedo reconocirme – no perteneciente – y romper la
mudez y el silencio hablando una lengua inédita.
Indias, putas y lesbianas juntas revueltas y hermanadas.
La identidad como fragmento y espacio de construcción de relaciones insólitas [...]
Es el espacio de las relaciones insólitas construidas no desde la identidad sino desde la rebeldía
y el desacato de pertenencia;
un espacio de desobedientes,
de enloquecidas,
de rebeldes [...] (GALINDO, 2005 apud LESSA, 2007, p. 30)⁴⁸.*

A performance de Maria Galindo chama as diferentes mulheres latinas, “índias, putas, lesbianas, revoltadas e irmanadas”, a construírem novas relações de sororidade e novas formas de pertencimento, usando o espaço público como local de desobediência civil e transformando assim suas lutas em bandeiras contra a violência e violação dos direitos das mulheres, contra o estupro, a favor da vida e do direito ao aborto como garantia de atendimentos de saúde dignos às mulheres nestas condições. A luta pela legalização do aborto é justa e vem sendo empreendida pelas feministas latina-americanas devido aos altos índices de mortalidade de mulheres, sobretudo as racializadas, nos consultórios médicos clandestinos. É uma luta contra a hipocrisia capitalista que, por um lado, condena o aborto, pois as políticas do Estado são codependentes das religiões, portanto não aceitam o enfrentamento político, mas, por outro lado, fazem vistas grossas aos consultórios e às clínicas clandestinas.

Um ativismo mais recente foi na ocupação das ruas ao redor do mundo proposta pelas feministas do Coletivo *Las Tesis*, do Chile, que no dia 25 de novembro de 2019 ocuparam as ruas e os espaços virtuais com a performance *Un Violador en Tu Camino*. Mulheres cis e trans, nos dias que seguiram, ocuparam as ruas e praças no México, em Buenos Aires, em Nova Iorque, em Madri, em Paris e em muitas cidades brasileiras, dentre outros tantos sítios geopolíticos e virtuais. Com uma sequência de dança sincronizada e

⁴⁸ A força contestatória, poética e performática da narrativa de Maria Galindo me fez optar por deixar a narrativa em sua forma original e traduzi-la em nota de rodapé. Tradução livre: “Não existe identidade que me tenha oferecido refúgio nem acolhida, porque não existe identidade que tenha me considerado em última instância pura e digna de seu pertencimento. Por isso, ditosamente, assumo a perspectiva de fora, por fora, na intempérie, na rua, na vulnerabilidade completa. Localizo-me fora dos mandatos e dos códigos de convivência e de obediência. E opto por incomodar em todos os espaços. Transcendendo a afirmação da identidade e reconhecendo-me impura, imperfeita, desenraizada, desvinculada, contraditória e complexa. Posso reconhecer-me – não pertencente – e irromper da mudez e do silêncio falando em uma língua inédita. Índias, putas e lesbianas juntas revolucionando irmanadas. A identidade como fragmento e espaço de construção de relações insólitas [...] é o espaço das relações insólitas construídas não da identidade, mas da rebeldia e do desacato do pertencimento: um espaço de desobedientes, de enlouquecidas, de rebeldes” (GALINDO, 2005 apud LESSA, 2007, p. 30). Texto apresentado por Maria Galindo por ocasião do II Encontro de Escritores/as sobre Dissidência sexual e identidade sexo genérica na Universidad Nacional Autónoma de la Ciudad de México (Unam), na Ciudad del México, no dia 27 de outubro de 2005.

simples, com uma venda preta nos olhos, ao som de tambores, elas catavam entoando a frase “o estuprador é você”⁴⁹. O ativismo feminista tornou-se, em poucos dias, uma ode contra o feminicídio, deixando a mensagem feminista novamente nas ruas e nas redes virtuais: “a culpa não é minha, nem de onde eu estava e nem de como me vestia”.

Importante lembrar que as Marchas das Vadias tomaram as ruas do mundo depois de um estupro em que a vítima foi acusada pelo policial que a atendeu quando ele questionou sobre qual roupa ela estava vestindo no dia da violência sexual que havia sofrido. A violência machista é reforçada e reafirmada no questionamento que se faz à vítima sobre suas roupas, local e horário de circulação na tentativa de demarcar o espaço público como local não apropriado para as mulheres, local perigoso. Nas marcas artivistas feministas, os corpos das mulheres são territórios de paz, pois buscam o respeito e reivindicam os direitos das mulheres. A arte, o ativismo feminista e a educação libertária nos permitem, assim, entender que a construção de um mundo melhor passa pela pluralidade das vozes sociais, pela rebeldia como ato político e por como as práticas de resistência podem ecoar rapidamente nas novas formas de comunicação virtual.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2012.

FIALHO, Laís Azevedo. O Maracatu como ferramenta política e descolonização da cultura. *Revista Neiab/UEM*. Maringá, v.1, n.1, 2017. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/3-2.pdf>. Acesso em: mar. 2020.

LESSA, Patrícia. *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979-2006)*. Tese (Doutorado em História, em Estudos Feministas e de Gênero), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAREDES, Julieta. *Grafiteadas*. La Paz: Ediciones Mujeres Creando, 1999.

PESSAH, Mariam; CASTILHOS, Clarisse. *Em rebeldia: da bloga ao livro*. Porto Alegre: Colección Libertaria, 2009.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013a.

RAGO, Margareth. Poéticas e políticas das indígenas na Bolívia. RAGO, Margareth; MURGEL, Ana Carolina (org.). *Paisagens e tramas. O gênero entre a história e a arte*. São Paulo: Intermeios, 2013b, p. 87-100.

49 Para visualizar as apresentações do ato performático feminista *Un Violador en Tu Camino* ao redor do mundo e conhecer a letra, indico o site: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-estuprador-e-voce-musica-feminista-contra-violencia-percorre-o-mundo/>.

RECKITT, Helena; PHELAN, Peggy. *Art et feminism*. 2 ed. Paris: Phaidon, 2011.

STUBS, Roberta; TEIXEIRA FILHO, Fernando; LESSA, Patrícia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.26, n.2, Jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2018000200220&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: mar. 2020.